

ENTRE ASPAS - Saia curta: promover a deformação (conclusão)

Marcelino Silva, 01 Abril 2016



EU sou um apreciador inveterado da beleza do corpo feminino. Corpo feminino adulto. Mas, para apreciá-lo, ele não tem de estar exposto numa qualquer montra, entendendo-se por montra a rua, o escritório, a sala de aula, o mercado, o supermercado, o campo de futebol, o campo de basquetebol, etcetera e tal. Para o apreciar, ele, o corpo, tem de estar em lugar próprio.

O corpo belo de uma menina ainda em idade escolar, precisa de amadurecer. Esse amadurecimento ocorre em simultâneo com o amadurecimento da sua “cabeça”. Quer dizer, a menina, que na verdade ainda é criança, precisa de ser “dita” (educada) em casa e na escola, que ainda é criança, e que por isso, tem de ultrapassar muitas etapas para alcançar a idade de poder “exibir” o seu corpo. Sendo que essa exibição, quando atingida a idade adulta, terá de ser feita em lugar próprio.

É desejável por isso, que entre os nossos lares e as escolas se estabeleçam parceiras, ainda que não formais, onde fique subentendido que cada uma das partes tem a responsabilidade de complementar o trabalho educativo realizado por outra parte. Só assim, será possível que a menina – que afinal ainda é uma criança, perceba que tem de ultrapassar muitas etapas para alcançar a idade de poder “exibir” o seu corpo.

Responsabilidade e seriedade

Essas parcerias só podem ser estabelecidas quando dos dois lados houver vontade, responsabilidade e seriedade. Sendo que maior quinhão de responsabilidade cabe a nós os pais e encarregados de educação. Aliás, a base para a formação do homem está, ou deve estar lá “em casa”. Por isso é que é inaceitável, pelo menos para mim, que algumas mães se apresentem sem vergonha a defender “orgulhosamente” que as suas filhas devem (ou podem) apresentar-se na escola vestidas como elas bem o entenderem. Onde está a seriedade de uma mãe?

Disse no primeiro parágrafo deste texto que sou um apreciador inveterado da beleza do corpo feminino. Sou de facto. Mas, com a mesma veemência com que afirmo a minha faculdade de apreciador dos encantos femininos, afirmo e reafirmo que sou, por outro lado, contra o abuso de menores. Abuso de menores que muitas vezes, ou pelo menos algumas vezes é ou poder ser “catalizado” pela forma como elas se apresentam em público.

Quantas vezes não nos deparamos com miúdas praticamente ao léu, a caminharem tranquilamente pelas ruas, obrigando autenticamente os homens a partirem os seus pescoços na tentativa de apreciarem “aquilo”. E, sabemos que essas miúdas saíram de uma casa onde está lá o pai, a mãe, os irmãos mais velhos. E, um tipo murmura: como é que os pais deixaram esta miúda sair assim...

Diminuir factores de risco

Entendo por isso que os pais, encarregados de educação, devem ter presente que deixar que as suas filhas se apresentem “quase” vestidas na rua, nas salas de aula, estarão a contribuir para que elas se tornem “presas” fáceis para os predadores. Deixar que elas exibam os seus encantos, sob a alegação de que dessa forma estão a defender os seus direitos, estarão a contribuir para a criação de factores de riscos desnecessários e perigosos.

Como dizia o Excelentíssimo Ministro da Educação e Desenvolvimento Humano, reagindo a manifestação da tal da sociedade civil, “a escola não é um lugar de passagens de modelo”. A escola é um local onde se adquire conhecimento científico e se adquirem também os valores morais, alicerces para a construção de uma sociedade sólida.

As regras sobre o uniforme escolar são claras. Nada há mais para fazer do que cumpri-las. Marmanjos (crianças) hoje, os nossos filhos serão adultos amanhã. Já adultos, terão de ter aprendido os códigos de convivência social para poderem transmiti-los aos seus filhos. Portanto, senhoras e senhores da “sociedade civil”, parem de brincar aos direitos humanos e tentem, por favor, olhar o mundo com olhos de ver. Parem com as palhaçadas. Parem com as modernidades. Façam algo de útil para os vossos filhos (quem os tiver, claro!).